

**A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NA SALA DE AULA:
CONTRIBUIÇÕES DA SOCIOLINGUÍSTICA PARA
O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA**

Juliete Maganha Silva (UENF)

juliete.22ms@gmail.com

Aline Peixoto Vilaça Dias (UENF)

alinepeixoto12@hotmail.com

Eliana Crispim França Luquetti (UENF)

elinafff@gmail.com

RESUMO

Diante do fato de que a diversidade linguística caracteriza todas as línguas, um ensino que não abranja todas as variedades se torna algo infundado, já que a língua é um objeto muito mais rico e diversificado. É importante esclarecer como a Sociolinguística pode auxiliar professores a obterem um bom desempenho em sala de aula frente a alguns fenômenos linguísticos, considerados pela gramática normativa desvios em torno da língua. Diante desse quadro, o objetivo deste trabalho foi demonstrar a importância das concepções da sociolinguística no que concernem as questões da variação linguística, abordando temas que buscam sensibilizar alunos e professores para a diversidade linguística. Para isso foram analisados e classificados alguns desvios da norma-padrão, encontrados em textos de alunos do 6º ano do Ensino Fundamental, do qual foram analisados apenas palavras e sintagmas de acordo com alguns critérios estabelecidos por Luiz Carlos Cagliari (2009). Dessa análise, pôde-se constatar que 30% das palavras apresentaram marcas das comunidades de fala dos alunos. E a partir desses estudos pode-se constatar também que a sociolinguística é uma ciência preocupada com o desempenho escolar das crianças. Assim, seus estudos voltados para a diversidade linguística da língua portuguesa, devem ser inseridos no contexto escolar para ajudar docentes em seu cotidiano da sala de aula, contribuindo para trabalhos pedagógicos mais efetivos quanto ao ensino de língua portuguesa.

Palavras-chave:

Sociolinguística. Língua portuguesa. Variedade linguística.

1. Introdução

O espaço escolar, assim como qualquer lugar da sociedade, é formado por diferentes indivíduos que trazem consigo suas características próprias formadoras de suas identidades. Esse fato faz com que seja cada vez mais desafiadora a atuação dos profissionais da educação, ao terem que lidar com as questões de convívio das diferenças e o quanto elas podem influenciar na qualidade do ensino. Sendo assim, é preciso que estes estejam sempre em busca de conhecimentos que auxiliem na compreen-

são dos fenômenos sociais, para que possam ser capazes de transformar de maneira positiva, por meio de suas práticas de ensino, pensamentos e ações que possam gerar algum tipo de constrangimento ou preconceito. Buscando dessa forma, promover o respeito e a compreensão às diversidades e individualidades inerentes a sociedade.

Diante deste quadro, o objetivo deste trabalho foi demonstrar a importância das concepções da sociolinguística no que concernem a questões de variação linguística, abordando temas que buscam sensibilizar alunos e professores para a diversidade linguística.

Além dos arcabouços teóricos relacionados às questões da sociolinguística, este trabalho buscou demonstrar através de uma pesquisa de campo o quanto a diversidade linguística do meio social em que vive o aluno influencia em sua escrita, alertando para o fato que não se pode ignorar a necessidade de se trabalhar com as diferenças em sala de aula.

2. A sociolinguística e seu objetivo

A sociolinguística surgiu de maneira mais notória na década de 1960, com estudiosos importantes como William Labov, Dell Hymes e John Gumperz, John Fisher, Charles Ferguson entre outros, com uma posição contrária aos estudos da área linguística onde se tinha, o estruturalismo de Ferdinand de Saussure que definia a língua como um sistema homogêneo e unitário, livre de qualquer influência dos fatores sociais. E o Programa Gerativo-Transformacional de Noam Chomsky que tomava como objeto de seus estudos a competência linguística de um falante ideal pertencente a uma comunidade de fala idealmente homogênea (LUCCHESI, 2015). A sociolinguística surge a partir da inquietação de alguns cientistas que não acreditavam que a língua podia ser estudada desconsiderando a sociedade que a fala, por esse motivo o próprio nome dessa ciência pode ser considerado redundante por muitos. Mollica (2003) define essa ciência como

Uma das subáreas da Linguística que estuda a língua em uso, no seio das comunidades de fala, voltando a atenção para um tipo de investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais. Esta ciência se faz presente num espaço interdisciplinar, na fronteira entre língua e sociedade, focalizando precipuamente os empregos linguísticos concretos, em especial os de caráter heterogêneo. (MOLLICA, 2003, p.9)

O objetivo central da sociolinguística se dá nesse sentido, pois de acordo com Bagno (2007, p. 38) “é precisamente relacionar a heteroge-

neidade linguística com a heterogeneidade social”, considerando o fato que língua e sociedade são profundamente ligadas, de forma que uma influencia a outra. Por heterogeneidade social devemos compreender uma sociedade formada por comunidades ou grupos constituídos por muitas variáveis como faixas de renda, local de moradia, práticas culturais, níveis de escolaridade etc. Assim também, define-se comunidade de fala como “um grupo social que compartilha (a) determinadas características, (b) atitudes valorativas frente a fatores linguísticos e (c) tendências de mudança linguística” (FARACO; ZILLES, 2017, p. 18). Isto é, essas comunidades são constituintes da heterogeneidade linguística. De acordo com Bagno (2007), dizer que uma língua é heterogênea significa dizer que ela apresenta variação, e por variação define-se “a língua em seu estado permanente de transformação, de fluidez, de instabilidade. (...) O conceito de variação linguística é a espinha dorsal da Sociolinguística” (BAGNO, 2007, p. 38-9).

Toda diversidade linguística é reflexo da diversidade social, e por esse motivo nenhuma variedade deve ser menosprezada ou alvo de estigmas. Como afirma Calvet (2002, p. 12), “as línguas não existem sem as pessoas que as falam, e a história de uma língua é a história de seus falantes”. Pela visão do cientista da linguagem,

A construção *os menino veio* é tão interessante para o estudo e tão merecedora de atenção quanto *os meninos vieram* – já que, para o cientista, não existe construção linguística mais “certa” nem mais “bonita” do que outra. No entanto, fora do círculo restrito da pesquisa científica, a diferença *entre os menino veio e os meninos vieram* provoca sérias e profundas divisões entre as pessoas, põe em ação uma escala de avaliações e julgamentos que opera com conceitos, discriminações, humilhações e muito frequentemente com a exclusão social. (BAGNO, 2007, p. 59-60)

Esse é um ponto de vista chave, linguisticamente “(...) não existe língua para além ou acima do conjunto das suas variedades constitutivas, nem existe a língua de um lado e as variedades de outro, como muitas vezes se acredita no senso comum” (FARACO; ZILLES, 2017, 30). Todas as variedades linguísticas são consideradas importantes. E o reconhecimento deste fato, pela ciência sociolinguística, inclui reconhecer também a importância do ensino da norma-padrão, para que se amplie a capacidade linguística do aluno, mas deixando de lado estigmas e preconceitos para com as variedades diferentes destas.

3. A variação linguística na sala de aula e as contribuições da socio-linguística

Os avanços dos estudos linguísticos permitiram um avanço sobre o entendimento que os diferentes modos de falar possam ser algum tipo de deficiência dos falantes no uso da língua. Todo uso linguístico que se desviasse da norma-padrão eram, e infelizmente ainda são, vistos através de estigmas e discriminação. A escola e suas diretrizes por muitas vezes se abstém aos estudos linguísticos e seguem veementemente um ensino pautado numa ideologia vista com uma verdade absoluta, onde se excluem as variedades populares de classes sociais menos privilegiadas. Essa ideologia, segundo Bagno (2000, p. 15), “cristalizada há séculos na Gramática Tradicional e materializada, por assim dizer, no gênero literário conhecido como gramática normativa”.

Felizmente, houve progressos em relação à necessidade do reconhecimento das variedades linguísticas no ensino de língua. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) afirmam que “a variação é constitutiva das línguas humanas, ocorrendo em todos os níveis. (...) Assim, quando se fala em Língua Portuguesa está se falando de uma unidade que se constitui de muitas variedades” (BRASIL, 1998, p. 29). No entanto, como frisa Camacho (2013, p. 229) “é uma verdadeira utopia pensar que essas mudanças no modo de encarar o ensino de fenômenos variáveis se refletem diariamente na prática pedagógica como mudanças nos procedimentos normativos”. De acordo com esse autor, isso se dá pela forte presença dos pressupostos prescritivos da tradição gramatical que ainda resistem a mudanças. Sobre esses avanços, Bagno (2007) diz que:

O impacto dessa nova concepção de ensino é, sem dúvida, muito positivo. No entanto, como tudo o que é novo, ela precisa vencer pelo menos dois grandes obstáculos: (1) a resistência das pessoas muito apegadas às concepções antigas e às práticas convencionais de ensino, e (2) a falta de formação adequada das professoras para lidar com todo conjunto de teorias e práticas que até então jamais tinham aparecido como objetos e objetivos do ensino de português. (BAGNO, 2007, p. 28)

Ainda é um grande desafio para os professores lidar com as variedades linguísticas, e com a compreensão que os alunos têm sobre estas. Como Bortoni-Ricardo (2004, p. 37) afirma “com frequência, essas diferenças se apresentam entre a variedade usada no domínio do lar, onde predomina uma cultura de oralidade, em relações permeadas pelo afeto e informalidade, e culturas de letramento, como a que é cultivada na escola”. Todas essas diferenças podem servir como um meio para constranger o aluno, e gerar uma baixa autoestima fazendo que ele acredite que não

saiba português. Isso porque, como explica Bagno (2015), o ensino da língua não se baseia no uso real, vivo e verdadeiro. Concordamos com Faraco e Zilles (2017, p. 175) que, “a variação linguística precisa, então, estar presente no ensino de língua”. Para isso é necessário

Uma pedagogia que é culturalmente sensível aos saberes dos educandos está atenta às diferenças entre a cultura que eles representam e a da escola, e mostra ao professor como encontrar formas efetivas de conscientizar os educandos sobre essas diferenças. (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 38)

A sociolinguística demonstra esse tipo de sensibilidade, ela “é uma ciência que nasceu preocupada com o desempenho escolar de crianças oriundas de grupos sociais ou étnicos de menor poder econômico e cultura predominantemente oral” (BORTONI-RICARDO, 2017, p. 157). Por meio de sua perspectiva, considera-se que é papel da escola reconhecer as diferenças sociolinguísticas, e mostrar para o aluno que existem mais de uma forma de dizer a mesma coisa de acordo com o objetivo comunicativo do falante (BORTONI-RICARDO, 2005). Isso é de suma importância por contribui para a formação da capacidade de reflexão e uso crítico da língua, ampliando sua competência comunicativa. Para Antunes (2007),

Uma função da escola na ampliação da competência comunicativa dos alunos é cultivar o apreço pela diversidade.

Diversidade:

- de modalidade de uso da língua – explorando, assim, textos orais e textos escritos;
- de norma – explorando textos na norma-padrão nacional e textos exemplares de normas regionais; textos na norma-culta e textos fora dessa norma;
- de registro – oferecendo textos do nível mais formal ao mais informal, com as específicas características lexicais e gramaticais; (...)
- de universos de referência - com a apresentação de textos que remetam para mundos diferentes, como o cotidiano das cidades e do campo, dos homens e das mulheres, do trabalho, do lazer, das descobertas científicas, das relações humanas etc.; (...)
- diversidade, enfim. Para ser fiel à língua real, a língua variada que, de fato, acontece todo dia. (ANTUNES, 2007, p. 107)

Sendo assim, reconhecendo e compreendendo a diversidade linguística inerente a sociedade, é de grande importância o professor estar atento a ferramentas e fontes de conhecimento que o auxiliem em suas práticas de sala de aula. A sociolinguística pode o ajudar muito neste propósito, pois é uma ciência comprometida com o aperfeiçoamento das práticas escolares e tem seu foco na realidade de uso da língua.

4. *Material e método*

Para investigar o quanto a variação linguística está presente em sala de aula, neste trabalho foi adotada uma análise de 20 redações elaboradas por alunos do 6º ano do ensino fundamental de uma escola pública, de onde foram retirados alguns “erros” ortográficos de palavras e sintagmas. Os textos foram elaborados a partir de relatos pessoais, fato que serviu para conhecer as características do meio social e do ambiente familiar a que pertenciam esses alunos. Para critério de escolha foi levado em consideração o fato de ser a partir do ensino fundamental que os conteúdos gramaticais são mais aprofundados, e acreditarmos que no início desse aprendizado mais formal há a presença de uma maior ocorrência de variedades linguísticas coloquiais.

Das redações foram extraídos os erros de escrita, que em seguida foram analisados, tabelados e classificados segundo os critérios classificação de erros de escrita, estabelecidos por Cagliari (2009) em *Linguística e Alfabetização*. Dessa forma foi possível ter uma visão da maior incidência de determinados fenômenos linguísticos na produção textual dos alunos.

5. *Resultados e discussão*

Foram analisados os seguintes “erros” ortográficos: 1. Transcrição fonética. 2. Uso indevido de letras. 3 Hipercorreção. 4 Modificação da estrutura segmental das palavras. 5. Forma morfológica diferente. 6. Acentos gráficos. 7. Juntura intervocabular e segmentação. 8. Problemas sintáticos. Devido a questões de quantidade, serão apresentados somente alguns exemplos desses “erros” encontrados no material pesquisado.

Transcrição fonética (10%): Trata-se de reproduzir na escrita o que se ouve na fala, como trocar *o* por *u*, não escrever o *r*, escrever *u* em lugar de *l*, não escrever o *s* etc.

Ex.: *passa* (passar), *ve* (ver), *melho* (melhor), *hoteu* (hotel), *picina* (piscina), *escurregar* (escorregar), *carru* (carro).

Uso indevido de letras (15%): “O uso indevido de letras se caracteriza pelo fato de o aluno escolher uma letra possível para representar um som de uma palavra quando a ortografia usa outra letra” (CAGLIARI, 2009, p. 123).

Ex.: *souto* (solto), *varamda* (varanda), *viagei* (viajei), *jente* (gente),

divertice (divertisse).

Hipercorreção (3%): Ocorre quando o indivíduo passa a generalizar determinadas formas de escrever na tentativa de acerto.

Ex.: *enteira* (inteira), *empediu* (impediu), *sobi* (subi).

Modificação da estrutura segmental das palavras (15%): Segundo Cagliari (2009, p. 124), trata-se de “erros de troca, supressão, acréscimo e inversão de letras. (...) representam, às vezes, maneiras de escrever de que o aluno lança mão porque ainda não domina bem o uso de certas letras”.

Ex.: *fazi* (fazia), *mão* (não), *meto* (neto), *aguático* (aquático), *helicopetero* (helicóptero).

Juntura intervocabular e segmentação (12%): Ocorre quando a criança junta palavras ou separa alguma palavra de acordo com sua análise da fala.

Ex.: *de mais* (demais), *agente* (a gente), *no blado* (nublado), *por exemplo* (por exemplo).

Forma morfológica diferente (3%): Para Cagliari (2009, p. 125) esse tipo de erro ocorre pelo fato de “na variedade dialetal que se usa, certas palavras têm características próprias que dificultam o conhecimento, a partir da fala, de sua forma ortográfica”.

Ex.: *tava* (estava), *vertirmos* (vestirmos), *rumou* (arrumou), *perai* (espera aí).

Acentos gráficos (25%): É comum, de acordo com Cagliari (2009), a ocorrência deste tipo de erro já que, de modo geral, não são ensinados no início da aprendizagem escrita.

Ex.: *priméiro* (primeiro), *manha* (manhã), *e* (é), *infancia* (infância), *arvore* (árvore), *amãhna* (amanhã), *vóvo* (vovô).

Problemas sintáticos (17%): Dizem respeito a “problemas de concordância, de regência, mas que na verdade denotam modos de falar diferentes do dialeto privilegiado pela ortografia” (CAGLIARI, 2009, p. 126).

Ex.: *pediu desculpa ela* (pediu desculpa a ela), *sauidade quando* (saude de quando), *os jogado* (os jogadores), *nós arrumar* (nos arru-marmos), *coisas ruim* (coisas ruins).

Dentre os erros encontrados, pode-se constatar que 30% (problemas sintáticos, transcrição fonética e forma morfológica diferente) estavam relacionados à variação linguística, isto é, às características que os alunos trouxeram de suas comunidades de fala para suas escritas. Podemos considerar que esta porcentagem representa uma quantidade considerável da análise, que serve para mostrar o quanto a língua é dinâmica também dentro da sala de aula. Além de servir para mostrar em quais pontos os alunos podem encontrar mais dificuldades em distinguir entre a norma-padrão ensina pela escola e as outras variedades intrínsecas à língua.

Os demais erros se referiam a adaptação dos alunos a norma padrão, ou seja, não estavam relacionados a fatores extralinguísticos, fazendo parte de um processo de amadurecimento de seu sistema cognitivo. Erros e acertos, tal como afirma Cagliari (2009, p. 127), “tudo pertence a um processo de aprendizagem da escrita e revela a reflexão que o aluno põe na sua tarefa e na forma de interpretar o fenômeno que estuda”.

6. Considerações finais

Considerando que as línguas são heterogêneas, o professor deve pautar-se em estudos comprovadamente científicos para trabalhar com essa realidade. A sociolinguística auxilia o professor a compreender os fenômenos linguísticos, já que se propõe justamente a descrever a realidade das línguas. Dessa forma, mostra que nem todo “erro” é incoerente, afinal o aluno já faz uso da língua antes mesmo de fazer parte da escola, e existe uma lógica por trás de suas tentativas de “acerto”. Uma simples apresentação da norma-padrão após o reconhecimento de um desvio por parte do aluno, não fará com que esse desenvolva a capacidade de reflexão sobre as diferenças linguísticas. É necessário por esse fato compreender os motivos que levam o educando a se desviar da norma-padrão e conscientizá-lo, sempre de forma respeitosa, para que ele possa observar seu próprio uso da língua de forma mais crítica.

A sociolinguística é uma ciência que preza pela valorização das diversidades e busca respeitar todas as variedades inerentes a qualquer língua. Essas variedades ao serem apresentadas e analisadas em sala de aula são ricos objetos de estudo para conscientizar os alunos sobre a heterogeneidade linguística, mostrando que todas as variedades são válidas e legítimas de acordo com seu contexto de uso. Promovem-se assim, com a

sociolinguística, valores que vão além do espaço escolar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Irlandé. *Muito além da gramática: por um ensino sem pedras no caminho*. São Paulo: Parábola, 2007.

BAGNO, Marcos. *Dramática da língua portuguesa: tradição gramatical, mídia & exclusão social*. Edições Loyola, São Paulo, 2000.

_____. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. São Paulo: Parábola, 2007.

_____. *Preconceito linguístico*. 56. ed. São Paulo: Parábola, 2015.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola, 2004.

_____. *Manual de Sociolinguística*. 1. ed., 1. reimpr. São Paulo: Contexto, 2017.

_____. *Nós chegamos na escola, e agora?* Sociolinguística & Educação. São Paulo: Parábola, 2005.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quatro ciclos do ensino fundamental: Língua Portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CAGLIARI, Luiz Carlos. *Alfabetização & linguística*. 11. ed. São Paulo: Scipione, 2009.

CALVET, Louis-Jean. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. Trad. de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.

CAMACHO, Roberto Gomes. *Da linguística formal à linguística social*. São Paulo: Parábola, 2013.

FARACO, Carlos Alberto; ZILLES, Ana Maria. *Para conhecer Norma linguística*. São Paulo: Contexto, 2017.

LUCCHESI, Dante. *Língua e sociedade partidas: a polarização sociolinguística do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2015.

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.